

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 287p.

Rosemeri Maria da Conceição *

"J'ai remarqué un fait singulier que je n'ai observé q'au Brésil: c'est le changement qui s'est opéré dans la population par les croisement des races, ils sont les fils du sol".
Gustave Aimard, *Le Brésil Nouveau*, 1888.

A década de 90 tem exposto, de forma insofismável, os novos direcionamentos tomados pela questão racial. A consulta a jornais e revistas dos mais diversos países, nos revela não ser mais possível ignorar o recrudescimento de antigas idéias racistas que, despidas de todo o formalismo teórico incitam o ódio e a violência.

Da Europa nos chegam relatos sobre a violência praticada por grupos neo-nazistas contra negros, turcos e judeus; nos Estados Unidos jovens se aliam sob as mais diversas bandeiras invocando, ao acaso, antigas formas de segregação. Esta mesma década, contudo, marca a primeira eleição multirracial na frica do Sul que constitui em passo importante para a construção de uma nação pluriétnica, mas que não irá apagar as contradições e antagonismos registrados no tecido social.

No Brasil, a violência racial – até pouco tempo negada – emerge nas manchetes dos jornais e conquista, no dia 7 de junho de 1993, a fundação da primeira delegacia especializada contra crimes raciais.

O livro de Lilia Schwarcz nos chega quando a questão racial está na ordem do dia. Inicialmente apresentado como tese de Doutorado na Universidade de São Paulo em fins de 92, o texto se propõe a compreender as construções teóricas de inúmeros "homens de ciência" que, de dentro de algumas instituições pensavam soluções e destinos para o país.

* Mestranda no Departamento de História da FFLCH/USP.

O ano de 1871 se apresentou como ponto de partida evidente, tendo como referenciais a desmontagem da escravidão – a *Lei do Ventre Livre* – e o fortalecimento de vários centros de ensino nacionais, tais como as faculdades de direito e medicina, os institutos históricos e geográficos e os museus etnográficos.

Além de inventariar pormenorizadamente o grande número de teorias que priorizavam o tema racial na análise dos problemas brasileiros, a Autora perscruta a utilização e re-acomodação destas teorias. Emerge como argumento principal do livro, a afirmação de que no Brasil adotou-se modelos cujas decorrências teóricas eram originalmente diversas. Incorporou-se, de um lado, o darwinismo social, com seu mote da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, "sem que no entanto se problematizassem a implicação negativa da miscigenação". Por outro lado, a partir do evolucionismo sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas sim em constante evolução e "aperfeiçoamento", obliterando-se a idéia de que a humanidade era una.

Percebe-se que estes homens incorporaram o que interessava, como por exemplo, a justificativa de uma hierarquia natural e a comprovação da inferioridade de largos setores da população e eliminaram as idéias que não combinavam, como as críticas à miscigenação.

Lília Schwarcz discorre de maneira pontual sobre três importantes centros de saber do século XIX e primeiras décadas do século XX: os museus, os institutos e as faculdades de Direito e Medicina.

A análise do primeiro centro assenta-se na quantificação dos artigos publicados nas revistas dos museus *Paulista*, *Nacional* e *Paraense de História Natural*. Dedicando-se ao estudo das ciências naturais eles se serviram do desenvolvimento das espécies animais e vegetais para explicar a evolução cultural dos povos e suas anomalias.

Os controvertidos Institutos são examinados com base no perfil intelectual e cultural de seus sócios fundadores e dos artigos publicados em suas revistas. Do Instituto carioca afirmava-se uma visão evolucionista ao mesmo tempo que determinista: se condenava a composição da população e oferecia-se a solução. No Pernambucano, malgrado os modelos poligenistas de estudo, colocava-se predominante a idéia de evolução para solucionar os problemas locais. Por seu turno, o Instituto paulista não se diferenciou, servindo-se da teoria de adaptação das espécies.

Destes centros irradiaram-se inúmeras idéias visando a construção de uma história branca e européia para o Brasil. A partir de conclusões evolucionistas, "justificava-se o predomínio branco e a hierarquia social rígida.

Utilizando-se um darwinismo sócio-biológico, explicava-se o natural branqueamento da população".

Das faculdades de Direito do Recife e São Paulo vêm à tona a relação entre liberalismo e discurso racial. Em ambos os enfoques o Brasil é colocado como país viável: para o primeiro através de uma mestiçagem modeladora e uniformizada e para o segundo, através do empreendimento de um Estado Liberal.

O debate médico do século passado é investigado a partir de um minucioso exame da história das instituições médicas no Brasil e da análise das inúmeras publicações da imprensa médica do Rio de Janeiro e da Bahia. De forma lapidar Schwarcz elucida que aos cariocas interessava a descoberta de doenças tropicais, ao passo que os baianos buscavam sua originalidade ao entender o cruzamento racial como nosso grande mal, utilizando-o para explicar a criminalidade, a loucura e a degeneração.

As fontes coligidas para este trabalho inserem-se ao redor de farto número de boletins de museus, revistas, periódicos além de valioso acervo iconográfico. Do mesmo modo, a bibliografia concentra referências de clássicos como Buffon e Darwin, obras literárias, estudos sobre a escravidão urbana e clássicos da historiografia brasileira.

Devemos ressaltar que deve ser corrigida – nas próximas edições – a afirmação feita no Capítulo 2, nota 12, quando se coloca Jean Jacques Rousseau como filósofo francês. No mais à guisa de enriquecimento, seria importante complementar esta leitura com a dissertação de Gislene Aparecida dos Santos, *As luzes e a representação do negro no Brasil*, onde a Autora buscou compreender as consequências que as teorias desenvolvidas no século XVIII, a partir das investigações da Biologia e da Antropologia trouxeram para o estabelecimento das teorias raciais do século seguinte.